

Pompéia deixou contos e as meditações de *Alma Morta*, na *Gazeta da Tarde*, em 1888, ano em que lançou *O Ateneu*; Domingos Olímpio foi redator do *Diário do Grão Pará* e da *Província*, em Belém, antes de vir para o Rio, onde fundou, em 1904, *Os Anais*; Alcides Maya militou na imprensa desde os dezoito anos, dirigiu *A República*, órgão da dissidência republicana gaúcha, e, depois, ainda em Porto Alegre, o *Jornal da Manhã*; Tristão da Cunha fez crítica literária para o *Mercure de France* e, no Rio, escreveu na *Gazeta de Notícias*, *O Jornal* e *O Dia*, de que foi um dos fundadores, e colaborou na *Revista do Brasil* e na *Revista Brasileira*; Coelho Neto iniciou-se na *Gazeta da Tarde* e prosseguiu na *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, e no *Diário de Notícias*, de Rui Barbosa; Aluísio Azevedo escreveu e desenhou para revistas e jornais; Adolfo Caminha colaborou em *O Norte*, no Ceará, e na *Gazeta de Notícias*, no Rio, assinando com as iniciais C. A. as “Cartas Literárias”, depois de ter polemizado, em Fortaleza, com Rodolfo Teófilo, em *O Pão*, órgão da Padaria Espiritual; seu primeiro artigo na *Gazeta de Notícias*, “A Chibata”, causou rumoroso escândalo; Júlio Ribeiro foi colaborador do *Diário Mercantil*, em S. Paulo, onde publicou as “Cartas Sertanejas”, polemizou, chamou a Faculdade de Direito de “polipeiro de metafísica e pedantismo insolente”, escreveu no *Correio de Santos* e fundou, em S. Paulo, *A Procelária*, tomando posição pela República, e, em 1888, *O Rebate*, ano em que lançou *A Carne*; Emiliano Pernetta foi, no Rio, secretário da *Folha Popular* e trabalhou na *Cidade do Rio*, conhecendo Cruz e Sousa em 1890 e formando, com ele, Lima Campos, Oscar Rosas e Gonzaga Duque, o grupo simbolista, cujo crítico seria Nestor Victor; Gonzaga Duque editou a revista *Guanabara*, escreveu na *Gazeta da Tarde*, de Patrocínio, passando à *Semana*, de Valentim Magalhães, vindo a escrever, em 1889, a *Mocidade Morta*, crônica de sua geração, que só apareceu em 1899, em edição inçada de erros, sendo, depois, do grupo do *Fon-Fon*; Alphonsus de Guimaraens colaborou nos jornais paulistas *Diário Mercantil*, *Comércio de São Paulo*, *Correio Paulistano* e *Estado de São Paulo*, recusando o convite de Adolfo Araújo para trabalhar em *A Gazeta*, preferindo redigir o *Conceição do Serro*; Afonso Arinos estreou em *O País*, com o conto “Manuel Lúcio”, sob o pseudônimo de *Affar*, mas foi na *Revista Brasileira* que publicou seus melhores contos, vindo a participar, com Eduardo Prado, em S. Paulo, em 1897, da direção do *Comércio de São Paulo*; Valdomiro Silveira estreou no *Correio Popular*, com o conto caboclo “Rabicho”, e suas histórias apareceram na imprensa entre 1897 e 1906.

A 17 de setembro de 1894, abriu-se a Confeitaria Colombo, no Rio. Até então, os escritores e jornalistas reuniam-se na Pascoal, à rua do Ouvidor. A nova confeitaria, à rua Gonçalves Dias, fundada por José Lebrão e